Organizadoras
Ângela Teixeira de Moraes
Raphaela Xavier de Oliveira Ferro

Ciência, Espiritismo e Sociedade

Coletânea 2

AEPHUS

Ciência, Espiritismo e Sociedade: Coletânea 2
Copyright by Aephus
1ª edição - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Organização: Ângela Teixeira de Moraes e Raphaela Xavier de Oliveira Ferro.
Autoria: Gismair Martins Teixeira, Luiz Signates, Juliano Pimenta Fagundes, Ângela Teixeira de Moraes, Marcos Vinicius Meigre e Silva, Carlos Alberto Biella, Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, Adilson Bicudo da Rocha, Ana Lorym Soares, Blender Barbosa de Oliveira, Diego Alberto de Souza Martins, Sandro Henrique Ribeiro, Maria do Socorro Pereira, João Paulo Godoy, Franco Luciano Pereira Pimentel e Joyce Rodrigues Cabral.
Projeto gráfico, capa e diagramação: Juliano Pimenta Fagundes.

Ciência, Espiritismo e Sociedade: Coletânea 2 / Ângela Teixeira de Moraes, organizadora / Raphaela Xavier de Oliveira Ferro, organizadora/ Juliano Pimenta Fagundes, designer gráfico. – Goiânia: Aephus, 2020.
272 pgs.

ISBN: 978-65-80222-01-8

1. Ciência. 2. Espiritismo. 3. Sociedade. 4. Fórum de Pesquisa Filosófica e Social sobre o Espiritismo. 5. Ciências da Religião

Comissão Científica:
Profª Drª Ângela Moraes (UFG)
Prof. Dr.Luiz Signates (UFG e PUC_GO)
Profª Drª Dora Incontri (Abpe)
Prof. Dr. Sandro Henrique Ribeiro (IFG)
Dr. Murilo Pires (Ipea/UnB)
Profª Drª Célia da Graça Arribas (UFJF)

DIREITOS RESERVADOS - A reprodução de trechos desta obra é permitida desde que citada a fonte.

Edição:

AEPHUS
Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais

Apoio:

INTERESPÍRITO
GRUPO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESPIRITUALISMO BRASILEIRO E INTERNACIONAL

GPCOR
GRUPO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, RELIGIOSIDADE E SOCIEDADE
UFG

As formas esgotadas do passado empalidecem-se e se desfazem para dar lugar a outras, a princípio vagas e confusas, mas que se precisam cada vez mais (...). O estado dalma contemporâneo pede, reclama uma ciência, uma arte, uma religião de luz e de liberdade, que venham dissipar-lhe as dúvidas, libertá-lo das velhas servidões e das misérias do pensamento.

Léon Denis
O problema do ser, do destino e da dor

APRESENTAÇÃO

Este segundo volume da coletânea *Ciência, Espiritismo e Sociedade* é uma publicação conjunta da Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Aephus) e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar do Espiritualismo Brasileiro e Internacional (Interespírito), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Conta, ainda, com o apoio do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Religiosidade e Sociedade da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Os textos aqui publicados foram apresentados no II Fórum de Pesquisa Filosófica e Social sobre o Espiritismo, realizado de 14 a 16 de junho de 2019, em Goiânia. Assim, nesta edição, o leitor poderá ter acesso a uma diversidade de abordagens no campo das ciências da religião, nas quais o espiritismo aparece como objeto de estudo sob o olhar da literatura, da história, da linguagem, da sociologia e da educação. O objetivo é compreender práticas e princípios doutrinários espíritas dentro de uma perspectiva crítico-descritiva a partir de ferramentas metodológicas oferecidas pelas ciências citadas.

Trata-se de um esforço que dá continuidade à primeira coletânea no sentido de oportunizar ao público espírita e acadêmico um olhar mais atento sobre o saber espírita, na forma como ele é apreendido e se faz circular na sociedade. Esse olhar é resultado de uma interlocução entre a academia e esse movimento religioso, visando arejar as perspectivas de trabalho em ambos os contextos, minimizando as visadas preconceituosas que costumeiramente afetam essa interlocução.

Os textos foram agrupados por aproximação temática. Em *Literatura e Dramaturgia*, os dois primeiros artigos discutem a obra literária do médium brasileiro Chico Xavier, sendo um deles fruto da tese de doutorado da autora, Ana Lorym Soares. O terceiro trabalho analisa, a partir do olhar da comunicação, a novela global *Espelho da Vida*, que tratou de alguns pressupostos doutrinários espíritas em seu enredo.

Na área da *Sociologia*, Luiz Signates propõe um trabalho de pesquisa sobre o conceito de sociedade dentro do espiritismo. A sessão conta ainda com uma revisão bibliográfica que estuda práticas da *Educação* adotadas por Eurípedes Barsanulfo no Colégio Allan Kardec entre 1907 e 1918. Questões ligadas aos *Direitos Humanos*, especialmente no que dizem respeito aos das populações econômico e socialmente vulneráveis, são tratadas nos dois artigos seguintes.

As interlocuções com a *Filosofia* estão nos próximos três estudos. No primeiro, há o diálogo com a filosofia social, especialmente considerando-se o autor John Rawls, enquanto o segundo traz uma discussão epistemológica a respeito dos diversos entendimentos sobre o materialismo. Já Diego Alberto de Souza Martins desenvolve o terceiro artigo a partir de um diálogo com Hannah Arendt e Immanuel Kant sobre a banalidade do mal e como ele chega ao movimento espírita.

A interface com aspectos da *Antropologia* também se desenvolve a partir da discussão sobre o "mal" e a forma como o espiritismo entende a sua origem considerando o conceito de "evolução". Por fim, os últimos dois trabalhos fazem uma análise dos discursos espíritas produzidos por ocasião da prisão do médium curador João de Deus, em Goiás, captados pelo jornalismo, e sobre as pessoas "índigo", cujo termo circulou no movimento espírita sob diferentes óticas.

As autoras e os autores que se dispuseram a compartilhar seus estudos e reflexões deixam seus e-mails de contato para quaisquer interessados em aprofundar as discussões, discordar delas ou mesmo corroborá-las, a fim de que o conhecimento se desenvolva sem dogmas. A intenção é a de que anualmente uma coletânea seja disponibilizada ao público para que se construa uma tradição de pensar o espiritismo sem pretensões proselitistas ou de desqualificação, reforçando o propósito e o desejo de diálogo entre os campos.

Boa leitura!

As organizadoras

SUMÁRIO

LITERATURA E DRAMATURGIA

1. O LIVRO COMO MISSÃO: CHICO XAVIER E A COLEÇÃO *A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL* (1944-1968)
Ana Lorym Soares **10**

2. A PERFORMANCE CULTURAL PSICOGRÁFICA DE CHICO XAVIER, A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E UM SINGULAR ÍNDICE DE LUSITANIDADE
Gismair Martins Teixeira e Maria do Socorro Pereira Lima **31**

3. A HORA DA NOVELA ESPÍRITA: REVERBERAÇÕES DE *ESPELHO DA VIDA* NO TWITTER
Marcos Vinicius Meigre e Silva **52**

SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO

4. A SOCIOLOGIA DA MENTALIDADE ESPÍRITA: ENSAIO SOBRE UMA AMPLIAÇÃO ESPÍRITA DO CONCEITO DE SOCIEDADE
Luiz Signates **72**

5. A "PEDAGOGIA DE EURÍPEDES": UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE O COLÉGIO ALLAN KARDEC NO PERÍODO DA GESTÃO DE EURÍPEDES BARSANULFO (1907-1918)
João Paulo Godoy, Franco Luciano Pereira Pimentel e Joyce Rodrigues Cabral **98**

DIREITOS HUMANOS

6. ANÁLISE DAS QUESTÕES DE SEGURANÇA ALIMENTAR NO MUNDO SOB A ÓTICA DO ESPIRITISMO
Adilson Rocha **121**

7. O ESPIRITISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: ALÉM DA CARIDADE, HÁ SALVAÇÃO!
Carlos Alberto Biella **143**

FILOSOFIA E ANTROPOLOGIA

8. PRINCÍPIOS DE JUSTIÇA SOCIAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE RAWLS E KARDEC
Ângela Teixeira de Moraes **162**

9. ESPIRITISMO E MATERIALISMO: UM BREVE ESTUDO FILOSÓFICO
Sandro Henrique Ribeiro **175**

10. AS INVERSÕES MORAIS E O MAL BANALIZADO NO MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO 200
Diego Alberto de Souza Martins

11. A ANCESTRALIDADE DOS MALES MORAIS 216
Juliano Fagundes

DISCURSO ESPÍRITA

12. O DISCURSO ESPÍRITA NA COBERTURA JORNALÍSTICA DO CASO JOÃO DE DEUS 237
Raphaela Xavier de Oliveira Ferro

13. AS DIFERENTES VISÕES DO ESPIRITISMO SOBRE PESSOAS ÍNDIGO 254
Blender Barbosa de Oliveira

2.

A PERFORMANCE CULTURAL PSICOGRÁFICA DE CHICO XAVIER, A FILOSOFIA DA LINGUAGEM E UM SINGULAR ÍNDICE DE LUSITANIDADE

Gismair Martins Teixeira[1]
Maria do Socorro Pereira Lima[2]

1 Doutor em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Letras-Português. Professor P-IV da Secretaria de Estado da Educação de Goiás com lotação no Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte. Membro-fundador da Academia Espírita de Letras de Goiás e membro-fundador da Academia Goianiense de Letras. Colaborador cultural na imprensa goiana digital e impressa.

2 Mestre em Performances Culturais pela Faculdade de Sociologia da Universidade Federal de Goiás; bacharel em Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Goiás; licenciada em Artes Visuais pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.

Introdução

Francisco Cândido Xavier psicografou pouco mais de quatrocentas obras atribuídas a um número expressivo de espíritos desencarnados, conforme o paradigma espírita. De sua lavra mediúnica constam autores espirituais brasileiros e portugueses. Haveria algum índice linguístico na psicografia de Xavier que permitiria identificar a lusitanidade dos autores espirituais que escreveram por suas mãos, distinguindo-os de seus pares brasileiros?

Neste estudo, pretendemos apresentar um recorte nessa singular massa crítica que remete a uma sutileza cultural performática da psicografia de Chico Xavier, inserta no âmbito da filosofia da linguagem, que realça o caráter de excelência geralmente atribuído à mediunidade xavieriana em uma expressiva performance cultural relacionada à indagação apresentada, motivadora deste trabalho.

Para tanto, utilizaremos da conceituação de um dos principais teóricos da performance cultural e artística, Richard Schechner, assim como nos serviremos também de pesquisadores ligados ao campo da filosofia da linguagem, como Ferdinand de Saussure e Claudio Ferreira Costa. Do campo filosófico, este estudo se servirá da historiografia do pesquisador e professor Danilo Marcondes para contextualizar o pensamento dos filósofos da linguagem selecionados para este trabalho.

Estabeleceremos, ainda, o diálogo entre esses autores e a epistemologia espiritista sistematizada por Allan Kardec, além de autores

psicografados por Chico Xavier, como André Luiz e Humberto de Campos, para estabelecer a interdiscursividade epistêmica entre o espiritismo e os campos do conhecimento selecionados.

Como metodologia científica, utilizaremos a pesquisa bibliográfica. A partir do dialogismo epistemológico entre os autores elencados, pretendemos apresentar, descritiva e analiticamente,o que sugere sutil índice de lusitanidade na fenomenologia mediúnica em torno de Francisco Cândido Xavier como resposta à indagação que problematiza este estudo.

Mediunidade e performance

As últimas décadas do século passado viram emergir um novo campo de estudos bastante fecundo em suas possibilidades hermenêuticas. Conhecida sob a designação de Performances Artísticas e Culturais, a área tem como teóricos basilares de suas proposições o norte-americano Richard Schechner e o escocês Victor Turner. O primeiro deles migrou de sua formação de origem, o teatro, para as pesquisas que conduziram à conceituação e à taxonomia em torno da novel área de pesquisa:

> Certos eventos são performance e outros um pouco menos. Existem limites para o que "é" performance. Mas quase tudo que existe pode ser estudado "enquanto" performance. Algo "é" performance quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso, a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são performances porque a convenção, o contexto, o uso, e a tradição assim dizem. *Não se pode determinar o que "é" performance sem antes se referir às circunstâncias culturais específicas*. Não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforme numa performance ou que a desqualifique de ser uma performance. A partir da perspectiva do tipo de teoria da performance que proponho, *toda ação é uma performance*. Mas da perspectiva da prática cultural, algumas ações serão julgadas

> performances e outras não; e isto varia de cultura para cultura, de período histórico para período histórico (SCHECNER, 2006; grifos nossos).

A vasta bibliografia espírita que surgiu a partir da publicação de *O livro dos espíritos* em 18 de abril de 1857, por Allan Kardec (2005), insere-se no contexto apresentado por Richard Schechner para a caracterização do que é performance. A história da ação mediúnica que antecipa a performance do médium Francisco Cândido Xavier está imersa num processo histórico e cultural que é muito bem estudado e descrito pelo filósofo espírita, Herculanos Pires (1979), em sua obra *O espírito e o tempo*, em que ele apresenta o percurso antropossociológico preparatório do advento da fenomenologia mediúnica em bases kardequianas.

A análise de um recorte rápido de faceta específica em torno da mediunidade de Francisco Cândido Xavier vai caracterizar-se, pois, no contexto do presente trabalho, como uma abordagem de natureza performática cultural. A sua vasta produção enfeixada em pouco mais de 400 volumes de uma modalidade de escrita ainda *sui generis* para os padrões cientificistas da contemporaneidade justifica a sua plena inserção nos campos de pesquisa referenciados neste estudo.

O vasto campo aberto desde os estudos iniciais de Allan Kardec insere o espiritismo em toda a dimensão conceitual schechneriana para a performance. Ao compor o edifício doutrinário com seus escritos, a partir do fenômeno a que denominou psicografia (KARDEC, 2012, p. 256), o sistematizador da doutrina espírita descortinou a possibilidade de futuras performances no campo psicográfico, que desde então se multiplicaram no tempo e no espaço, estabelecendo um *corpus* em aberto que parece inesgotável em seu alcance.

Francisco Cândido Xavier representa um importantíssimo desdobramento desse etos performático. Nascido em 1910 e morto em

2002, o médium de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, apresentou dotes mediúnicos desde a mais tenra infância, o que o acompanharia e se dilataria ao longo de sua longeva existência (MAIOR, 2003). Da sua polimorfa potencialidade mediúnica se destacou a psicografia, caracterizada pela atuação de uma entidade espiritual sobre os implementos psicomotores do médium para a produção da escrita que verte o pensamento do espírito radicado em outra dimensão para a sua congênere física, conforme se depreende da conceituação de Kardec (2003).

Performaticamente imbricada à questão mais ampla da psicografia em si, há na mediunidade xavieriana a conexa questão da polimorfia de gêneros: poesia, cartas, conto, crônica, ensaio, dissertação filosófica e cientificista se espraiam pelas quatro centenas de obras de Chico Xavier, alcunha com que o médium se tornou nacionalmente conhecido (MAIOR, 2003). Sua primeira publicação, *Parnaso de além-túmulo* (XAVIER, 1994), data de 1932. Poetas brasileiros e portugueses já falecidos voltaram pelas mãos do então jovem médium mineiro.

Desde o início, portanto, a mediunidade psicográfica de Xavier estabeleceu um dialogismo geográfico de autores luso-brasileiros em sua produção. A já distante primeira edição de *Parnaso de além-túmulo* (XAVIER, 1994),com suas sucessivas reedições, inviabilizaria no momento um cotejo geográfico no âmbito da filosofia da linguagem. Isto em função do último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que uniformizou alguns vocábulos que eram distintos em ambas as expressões da língua.

Na sequência, trataremos de um marcador linguístico pré-uniformização, que foi mediada pelo Acordo Ortográfico atualmente em vigência, que sugere um singular índice de lusitanidade ínsito na performance psicográfica de Chico Xavier, que tem sua base histórica, social e antropológica estabelecida a partir da codificação do espiritismo por Hippolyte Léon DenizardRivail, que adotou o pseudônimo de Allan Kardec.

Mediunidade e filosofia da linguagem

A historiografia filosófica registra que a contemporaneidade na filosofia pôs em xeque a noção de subjetividade como o caminho central na construção do conhecimento (MARCONDES, 2010, p. 256). Não significa isto, necessariamente, que a conceituação em torno da subjetividade deva ser abandonada em totalidade, conforme se depreende dos estudos correlacionais entre a psicologia e a subjetividade levados a efeito por pesquisadores como Luiz Fernando Gonzalez Rey em *Sujeito e subjetividade:* uma aproximação histórico-cultural (2003).

Esse deslocamento axial da subjetividade na apreensão do conhecimento fez emergir um outro lugar que já fora historicamente percebido, mas que na contemporaneidade da filosofia assume papel preponderante:

> A linguagem surge então como alternativa de explicação de nossa relação com a realidade enquanto relação de significação. A análise do significado e de nossos processos de simbolização constitui-se em uma nova via na busca do fundamento, de se encontrar um elemento mais básico. Isto se dá principalmente em duas direções: 1) Em primeiro lugar, é como se o próprio pensamento subjetivo, como se os processos mentais dependessem de linguagem, de significados, de um sistema simbólico: como mais fundamental; 2) Em segundo lugar, a linguagem pode ser considerada, de um ponto de vista lógico, como constituída de estruturas formais cuja relação com a realidade podemos examinar independentemente da consideração da subjetividade, da consciência individual.É significativo, portanto, que a questão sobre a natureza da linguagem, sobre como a linguagem fala do real, sobre o sentido dos signos e proposições linguísticas, emerja como um problema central na filosofia e em outras áreas do saber na passagem do séc. XIX para o séc. XX em várias correntes teóricas que, embora apresentem diferentes formas de tratamento dessa questão, compartilham o ponto de partida comum na linguagem (MARCONDES, 2010, p. 256-7).

É a partir desse contexto de performance cultural da filosofia que novas investigações em torno do saber vão constituir-se. Na transição do século XIX para o XX, e em toda a extensão deste último, disciplinas como lógica matemática, filosofia analítica da linguagem, semiótica, positivismo lógico, filosofia das formas simbólicas, hermenêutica, estruturalismo, antropologia linguística, teoria linguística chomskiana (MARCONDES, 2010, p. 257) se constituem e se reconstituem a partir de bases históricas espaço-temporais. Informa, ainda, Danilo Marcondes (2010, p. 257),que a simples ocorrência dessas vertentes que são, não raro, divergentes e com raízes históricas diferentes, traz à tona "a centralidade do interesse pela questão da linguagem no pensamento contemporâneo". Assim, à subjetividade se junta um amplo leque de disciplinas vinculadas à filosofia da linguagem.

Claudio Ferreira Costa informa de maneira didática, em sua obra *Filosofia da linguagem*,que:

> A expressão "filosofia da linguagem" possui duas acepções principais, uma mais estrita e outra mais ampla. Em sua acepção mais estrita, ela é o resultado de uma investigação filosófica acerca da natureza e do funcionamento da linguagem, sendo por vezes chamada de "análise da linguagem". Quando um filósofo investiga questões como a da natureza e função da linguagem, está fazendo filosofia da linguagem nesse sentido estrito da expressão. O mesmo se dá quando ele investiga questões intrinsecamente relacionadas à linguagem, como a questão da natureza do significado de nossas expressões linguísticas, de como somos capazes de nos referir às coisas por meio da linguagem, da natureza da verdade de nossas proposições, de como podemos, através de proferimentos linguísticos, nos comunicar uns com os outros.Na segunda e mais ampla acepção, a filosofia da linguagem diz respeito a qualquer abordagem críticas de problemas filosóficos metodologicamente orientada por uma investigação da linguagem, razão pela qual ela é por vezes chamada de "crítica da linguagem". Uma considerável parte da filosofia do século XX caracterizou-se duplamente, como uma investigação filosófica acerca da linguagem e também por

> uma abordagem crítico-linguística de problemas filosóficos em geral (COSTA, 2007, p.7-8).

Em uma de suas mais notáveis performances culturais na psicografia, Francisco Cândido Xavier psicografou, em parceria com o médium e médico Waldo Vieira, a obra *Evolução em dois mundos* (1993), onde se lê as seguintes asserções do autor espiritual, André Luiz, em torno da linguagem, em conceitos que apresentam relações interdiscursivas com a filosofia da linguagem conforme a conceituação apresentada por Claudio Costa, constituindo-se, ainda, esse trabalho psicográfico, em exemplo de instigante objeto de estudo para a filosofia da linguagem em ambas as acepções apontadas Ferreira Costa:

> LINGUAGEM ANIMAL - Aperfeiçoando as engrenagens do cérebro, o princípio inteligente sentiu a necessidade de comunicação com os semelhantes e, para isso, a linguagem surgiu entre os animais, sob o patrocínio dos Gênios Veneráveis que nos presidem a existência. De início, o fonema e a mímica foram os processos indispensáveis ao intercâmbio de impressões ou para o serviço de defesa, como, por exemplo, o silvo de vários répteis, o coaxar dos batráquios, as manifestações sonoras das aves e o mimetismo de alguns insetos e vertebrados, a se modificarem subitamente de cor, preservando-se contra o perigo. Contudo, à medida que se lhe acentuava a evolução, a consciência fragmentária investia-se na posse de mais amplos recursos (LUIZ, 1993, p. 73).

Em *Filosofia da linguagem*, Claudio Ferreira Costa interpreta o pensamento de Gottlob Frege, um dos expoentes dessa área de estudos, ao analisar a estrutura da frase neste contexto filosófico nos seguintes termos: "o sentido da frase é o *pensamento* que ela expressa [...] (grifo do original)(2007, p. 14)". Apesar de parecer óbvio à primeira vista, o aprofundamento em torno de problemas suscitados por uma afirmação dessa natureza se mostra bastante complexo (COSTA, 2007), o que evidencia que a entidade espiritual André Luiz se mostra inteirado do

problema em torno da filosofia da linguagem.

Essas observações em torno da fala homológica de André Luiz em relação a esse campo filosófico são trazidas aqui à guisa de parêntese antecipatório dos parágrafos subsequentes. O espírito que se comunicou por ambos os médiuns apresenta, ainda, outros tópicos concernentes ao advento evolucionário da linguagem por parte do espírito humano tanto na dimensão física quanto material. No entanto, a performance psicográfica que observaremos mais de perto se encaminha em outra direção no âmbito da linguagem e da filosofia que lhe é afeita.

Um dos mais eminentes precursores da filosofia da linguagem em sua acepção contemporânea é o suíço Ferdinand de Saussure, que alçou a linguística ao *status* de ciência da linguagem. O estruturalismo, que serviu de base a importantes setores de estudos acadêmicos ao longo do século XX, teve como influência genética as ilações do eminente linguista. Em seu clássico *Curso de linguística geral*, Saussure (2006) traz uma gama de conceitos que serviram de base a pesquisas futuras em torno da linguagem.

Nesse trabalho, Saussure (2006) estabelece dicotomias que marcariam os estudos da linguagem nas décadas seguintes. *Langue x parole* (língua x fala), sincronia x diacronia, sintagma x paradigma, significante x significado, passaram a fazer parte de especulações e pesquisas por parte dos mais respeitados linguistas mundo afora. Epígonos do teórico genebrino desenvolveram abordagens correlatas ao estruturalismo linguístico saussuriano que contribuíram de maneira significativa para a consolidação da filosofia da linguagem.

Assim, em *Curso de linguística geral* são estudados diversos ângulos da questão alusiva à linguagem mediante a aplicação dos princípios dicotômicos mencionados. Tais princípios são aplicados sobre problemas instigantes da língua, como a sua geografia, difusão, estrutura fonológica e fonêmica (SAUSSURE, 2006). Sobre o problema da fonética, conexa à fonologia, no estudo da acústica dos vocábulos, afirma o filósofo da linguagem:

> O fenômeno fonético é, outrossim, ilimitado e incalculável no sentido de que afeta qualquer espécie de signo, sem fazer distinção entre um adjetivo, um substantivo etc., entre um radical, um sufixo, uma desinência etc. Isso tem de ser assim *a priori*, pois se a gramática interviesse, o fenômeno fonético se confundiria com o fato sincrônico, coisa radicalmente impossível. Isto é o que se pode chamar de caráter cego das evoluções dos sons (SAUSSURE, 2006, p. 176).

Esse caráter cego da evolução sonora das palavras oferece material a pesquisas que podem ser quantitativamente inesgotáveis. Ferdinand de Saussure (2006) afirma a primazia da língua falada sobre a sua modalidade escrita. Numa abordagem em torno da geografia linguística do português, conforme os apontamentos saussurianos, buscaremos na sequência descrever e apresentar uma configuração performática em torno do fenômeno da mediunidade psicográfica de Chico Xavier em uma referenciação que estabelece sutil índice de lusitanidade na expressão escrita que contrapõe Brasil e Portugal, o que, por sua vez, funciona, sob a perspectiva da filosofia da linguagem, como uma singularidade performática xavieriana.

Chico Xavier, André Luiz, Humberto de Campos e um índice lusitano

No ano de 1944 era publicada em sua primeira edição a obra *Nosso Lar,* de autoria espiritual de André Luiz (2018). *Nosso Lar* é a primeira produção de uma sequência atribuída a esse espírito, conforme a perspectiva paradigmática do espiritismo, constituindo-se em ponto de partida de uma sequência de narrativasem que são relatados acontecimentos vivenciados por ele nas dimensões espirituais.

Nesse trabalho, o autor relata sua chegada ao mundo dos espíritos e todas as peripécias experimentadas nas fases de adaptação à nova realidade que para ele se apresentava surpreendente.O contexto

da narrativa de Luiz é bastante conhecido na cultura espírita. Após um período de oito anos (LUIZ, 2018, p. 49) vivendo em uma região a que denomina de umbral, conceptualmente remissiva ao purgatório católico (LEGOF, 2017), André Luiz finalmente consegue libertar-se mediante uma atitude de contrição sincera.

Nesta condição de enfermo espiritual, ele é recambiado a uma cidade, ou colônia, espiritual. Conhecida como Nosso Lar, a cidade estruturada na dimensão espiritual o acolhe. Após sua recuperação, torna-se ele cidadão daquela urbe situada em uma dimensão do mundo dos espíritos. A cidade de Nosso Lar funciona no trabalho que André Luiz escreve pela mediunidade de Chico Xavier como a base onde se situam todas as ações e interações que são descritas ao longo de pouco mais de uma dezena de livros que produziu pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que dividiu com o médium e médico, Waldo Vieira, a recepção mediúnica de quatro obras andreluizianas.

Ao buscar inteirar-se sobre a historiografia da região em que passa a residir após a saída do umbral, o autor de *Nosso Lar* colhe a seguinte informação da personagem Lísias, com quem desenvolve grandes laços de amizade e camaradagem:

> — Mas "Nosso Lar" terá igualmente uma história, como as grandes cidades planetárias?
>
> — Sem dúvida. Os planos vizinhos da esfera terráquea possuem, igualmente, natureza específica. *"Nosso Lar" é antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI*. A princípio, enorme e exaustiva foi a luta, segundo consta em nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento. Há substâncias ásperas nas zonas invisíveis à Terra, tal como nas regiões que se caracterizam pela matéria grosseira. Aqui também existem enormes extensões de potencial inferior, como há, no planeta, grandes tratos de natureza rude e incivilizada. Os trabalhos primordiais foram desanimadores, mesmo para os Espíritos fortes (LUIZ, 2011, p. 33; grifo nosso).

Esta informação acerca da historiografia espiritual da cidade em que o autor passa a residir após seu retorno ao mundo dos espíritos se reveste de significância em determinado marcador linguístico passível de ser rastreado em sua obra e sobre o qual passaremos a sumária descrição e análise que, por motivos de logística, deve aguardar pesquisas futuras para maiores aprofundamentos e conclusões. Os dados presentes funcionam, pois, como pistas que possibilitam vislumbrar uma possibilidade cartográfica sobre a temática deste estudo em pesquisas ulteriores.

O índice de linguagem, que aparece em edição específica da produção literária de André Luiz, diz respeito à ortografia com o acento fonético lusitano.Em 16 de dezembro de 1990 os países falantes da língua portuguesa, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, que juntos formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, assinaram o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (SILVA, 2009, p. 11). Num momento posterior, o Timor Leste passou a fazer parte da CPLP, sigla com que é conhecida a comunidade dos países que têm na língua de Camões o seu idioma oficial (SILVA, 2009, p. 11).

O Acordo Ortográfico entre as nações lusófonas se justificaria pela dificuldade de expansão internacional do português em função da dupla grafia existente entre vocábulos, sobretudo dos dois países mais representativos do idioma, Brasil e Portugal, e ocorreria meramente no campo ortográfico, sem representar alteração alguma no âmbito da oralidade dos países lusófonos, que guardariam suas peculiaridades fonéticas e fonológicas no ato da fala (SILVA, 2009, p. 11).

Assinado em 1990, o Acordo Ortográfico deveria ter entrado em vigor a partir do ano de 1994, sancionado pelo parlamento dos países lusófonos, o que acabou não ocorrendo por motivos vários (SILVA, 2009, p. 11). Informa José Pereira da Silva em seu artigo "O que mudou para os brasileiros com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa":

> Diante dessa situação, em 2004, decidiram que bastaria a manifestação ratificadora de três dos oito países para que ele passasse a vigorar. Por isto, como em novembro de 2006 São Tomé e Príncipe o ratificou, em princípio está vigorado e deveríamos implementá-lo. No entanto, embora o Brasil tenha sido sempre o maior defensor da unificação, só em 2008 determinou seu calendário oficial, que irá de 2009 a 2012 (SILVA, 2009, p. 12).

O calendário brasileiro, no entanto, sofreria novos reveses. O *site* do governo brasileiro registra que o acordo foi ratificado em setembro de 2008, com as novas regras sendo usadas em caráter não obrigatório (WWW.BRASIL.GOV.BR, 2019). Informa, ainda, o sítio oficial do governo (2019), que: "A princípio, as medidas seriam aplicadas de modo obrigatório a partir de janeiro de 2013, mas o governo brasileiro, após consultas a envolvidos no processo, preferiu dar mais tempo para a implantação". O tempo foi de três anos. Assim, no dia 1º de janeiro de 2016 o Brasil tornava obrigatórias em seu idioma escrito as mudanças acordadas na reforma ortográfica dos países lusófonos (G1.GLOBO.COM, 2019).

Dentre as mudanças efetivadas, registra José Pereira da Silva (2009, p. 14) em seu artigo uma alteração em torno de uma estrutura de vocábulos que interessa diretamente ao que é apresentado neste estudo: "Não se usa mais o acento nos ditongos abertos éie ói das palavras paroxítonas, de modo que *alcatéia* passa a *alcateia*, *assembléia* para *assembleia, colméia* para *colmeia, Coréia* para *Coreia, epopéia* para *epopeia* [...] *idéia* passa a *ideia*[...]." Ou seja, as palavras paroxítonas com os citados ditongos abertos, cuja sílaba tônica recai na penúltima silabação, deixaram de levar o acento no português brasileiro, adequando-se assim à normativa lusitana para as palavras com essas características estruturais.

O *status* de cidadão de Nosso Lar, cidade fundada por espíritos de origem portuguesa ainda no início do processo de colonização do território brasileiro, aparece na escrita de André Luiz pela psicografia

xavieriana, assim como fica sugerida também na parceria mediúnica com Waldo Vieira, conforme demonstraremos nos parágrafos subsequentes, com a sutil assimilação da grafia lusitana que remete à origem dos fundadores da cidade.Para efeito das descrições e análises que seguem, recordamos, conforme apresentado, a cronologia do Acordo Ortográfico dos países lusófonos, cuja assinatura ocorreu no início de 1990, sendo implementado em terras brasileiras como norma a ser obedecida definitivamente a partir do ano de 2016.

No ínterim entre a subscrição do acordo e a sua adoção definitiva pelo Brasil, houve uma janela linguística em que o país conviveu com a norma anterior e a atual, sendo ambas aceitas como legítimas. De 2016 para cá, no entanto, editores de todas as áreas tiveram de atualizar-se em suas publicações, apresentando seus textos de acordo com as novas determinações do Acordo Ortográfico. A Federação Espírita Brasileira, detentora dos direitos das obras psicográficas da parceria Chico Xavier/André Luiz, também buscou ajustar-se aos novos tempos ortográficos, como pode ser constatado nas edições recentes de seus trabalhos (LUIZ, 2018).

Na obra *Evolução em dois mundos* o ditongo aberto *ei* aparece 17 vezes em vocábulos paroxítonas contemplados pela reforma ortográfica. Na edição de 1993 dessa obrapodem ser lidos trechos como este:

> Procurando fixar *ideias* seguras acerca do corpo espiritual, será preciso remontarmos, de algum modo, aos primórdios da vida na Terra, quando mal cessavam as convulsões telúricas, pelas quais os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta. A matéria elementar, de que o *eletrão* é um dos corpúsculos base, na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes

> da vidae, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espraiarse no colo da paisagem primitiva. Dessa *geleia* cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... (LUIZ, 1993, p. 31; grifos nossos).

O vocábulo *ideia,* neste trecho, aparece já com a característica lusitana, destituído, portanto, do acento agudo que indica a fonética brasileira para o ditongo que fonologicamente se apresenta com uma sonoridade aberta, em contraposição à pronúncia de Portugal, que é marcada pela pronúncia fechada do referido encontro vocálico. A data da publicação, 1993, encontra-se no início da janela temporal entre a assinatura do Acordo Ortográfico e sua aplicação legal no Brasil.

É pouco provável que os editores já houvessem realizado àquela altura o ajuste necessário, mesmo porque, como se depreende da cronologia apresentada por José Pereira da Silva (2009), as incertezas ainda eram intensas com relação ao futuro do Acordo Ortográfico. No entanto, para dirimir qualquer dúvida, seria necessário buscar uma edição de Chico Xavier/André Luiz que fosse anterior à assinatura do acordo por parte dos países signatários.

Ainda no contexto da adoção de uma ortografia mais direcionada ao lusitanismo dos fundadores de Nosso Lar, cumpre assinalarque o outro termo em destaque no excertosupracitado de *Evolução em dois mundos*, a palavra *eletrão*, aparece com a grafia com que em Portugal se escreve o correspondente *elétron* do registro gráfico brasileiro. Segundo as palavras do dicionário virtual Wiktionary (2019): "*eletrão*: grafia usada em todos os países falantes de língua portuguesa exceto no Brasil, onde se escreve elétron".

Para este trabalho, especificamente, que não objetiva esgotar o assunto, conseguimos localizar uma edição do quinto volume desse autor espiritual psicografado por Chico Xavier que foi publicada antes do ano de 1990. Em 1986 vinha à publicidade a décima terceira edição

de *No mundo maior*, que registra a ocorrência de cerca de quarenta ditongos abertos *ei* grafados à lusitana quatro anos antes da assinatura do Acordo Ortográfico que se arrastaria até 2016 para a sua entrada em vigor. É uma data que parece não deixar dúvidas quanto à intenção do autor espiritual de assumir um índice de lusitanidade em sua grafia psicográfica.

Das quarenta ocorrências, traremos duas, exemplares, para efeito de registro. No capítulo "Estudando o cérebro", André Luiz (1986, p. 56; grifo nosso) escreve: "Verificando-se pausa natural nas elucidações, ocorreram-me inúmerase ininterruptas associações de *ideias*". Em outro momento, a mesma grafia aparece em vocábulo congênere no capítulo oitavo, intitulado "No santuário da alma" (1986, p. 109; grifo nosso): "Digna de registro era a respeitável beleza daquela reduzida *assembleia*,consagrada ao bem e à iluminação do espírito".

Num rápido exercício de linguística comparativa, o escritor brasileiro Humberto de Campos, nascido no estado do Maranhão em 1886, escreveu postumamente através de Chico Xavier obras extensas registrando suas impressões e reportagens sobre o além-túmulo. Contemporâneo de André Luiz em seus escritos, em Campos-espírito não há a mesma nota lusitana em relação aos vocábulos terminados em ditongos abertos que se percebe na edição do material do espírito André Luiz.

Em *Contos desta e doutra vida*, por exemplo, cuja sexta edição é de 1986, estão registrados os seguintes vocábulos na então vigente norma ortográfica brasileira, caracterizada pela acentuação dos ditongos abertos *ei* e *oi*. No prefácio do volume, escreve o espírito Humberto de Campos:"Aqui, neste punhado de crônicas humildes, encontrará o leitor amigo apenas o desejo de aprender com todos, na permuta de *idéias* e sentimentos [...] (CAMPOS, 1986, p. 10; grifo nosso)".

No conto intitulado "O mancebo rico", pode-se ler:

> Após algum tempo, achou-o entre homens cansados e tristes e, ao fitá-lo, enterneceu-se-lhe o coração... Como que tocado de luz invisível, olhou para si mesmo e envergonhou-se das *jóias* que trazia, conquanto adotasse, naquela hora, a indumentária que lhe era comumente mais simples (CAMPOS, 1986, p. 159; grifo nosso).

Atualmente, encontram-se disponíveis em formato digital, na rede mundial de computadores, todo o acervo psicográfico de Chico Xavier (CHICOTERRA.COM, 2019), com a sua produção digitalizada. Todavia, não traz esse acervo em sua plataforma digital as datas dos materiais de que foram trasladados, o que inviabiliza o cotejo do ponto de vista temporal da assinatura do Acordo Ortográfico. Resulta, portanto, desse fato, que o aprofundamento em torno da possível assunção lusitana do espírito André Luiz em seus escritos necessitaria de pesquisas materiais junto à casa publicadora de seus originais.

O material apresentado neste estudo se configura, assim, como uma pista indicativa de uma instigante pesquisa a ser aprofundada para compreender-se o percurso da possível lusitanidade ortográfica desse espírito que, no âmbito do paradigma espírita, trouxe um material que parece inesgotável à pesquisa, além de reforçar o caráter de excepcionalidade em torno da performance cultural e psicográfica de Francisco Cândido Xavier.

Considerações finais

A subjetividade se apresenta na filosofia contemporânea não mais como o eixo de suas especulações, como noticia Danilo Marcondes (2010) em sua historiografia da tradição filosófica. Não significa, todavia, que sua importância esteja posta totalmente de lado no panorama cultural da atualidade. Pesquisadores como Fernando Gonzalez Rey (2003) dão notícias em seus trabalhos de uma conceituação superlativa em torno da subjetividade, quando se cunha a expressão *sujeitidade*

para expressá-la em toda a sua importância.

Neste estudo, a subjetividade de um dos pesquisadores exerceu papel mais preponderante que o comum, já que a ideia de um estudioso totalmente despojado de qualquer identificação com o seu objeto de pesquisa, num paroxismo positivista, revelou-se histórica e epistemologicamente absurda do ponto de vista conceptual. Em nossa já distante fase juvenil lemos a coleção de André Luiz com uma quase indignação de natureza linguística. Por que aquele espírito, que escrevia tão bem, teimava em não acentuar os ditongos abertos *ei* e *oi* de seus livros?

Na época, ignorávamos a diferenciação fonética e fonológica, nesse caso particular, do português brasileiro em contraposição ao lusitano. O amadurecimento intelectual, haurido no curso de Letras em suas fases de graduação e pós-graduação, trouxe o esclarecimento da diferença. Mas a cisma do então aparente lapso andreluisiano foi soterrada por camadas arqueológicas foucaultianas de outras preocupações intelectivas.

No processo de escavação das diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, para compreender as alterações do novo Acordo Ortográfico com finalidades didáticas relacionadas à prática pedagógica e profissional, chegamos ao estrato mnemônico em que estava depositada, bem escondida, a birra com o médico desencarnado que retornara pela performance cultural e psicográfica de Chico Xavier.

Dos escaninhos da memória emergiu o descontentamento que até então nutríramos em relação ao detalhe linguístico de que trata este estudo. Mas agora ele se apresentava aclarado mediante as conexões que se estabeleciam. O registro desse percurso mostra o quanto a associação entre a subjetividade, central na filosofia moderna, e a filosofia da linguagem, axial na filosofia contemporânea, pode configurar-se como uma performance cultural do sujeito, seja ele um pesquisador profissional ou não.

Assim, neste estudo, apresentamos pistas em torno de material es-

pecífico da performance cultural e psicográfica de Chico Xavier que se abre a uma pesquisa mais profunda, passível de ser realizada oportunamente no âmbito das ilações que a filosofia da linguagem pode proporcionar. O índice de lusitanidadeem André Luiz, aqui apresentado, mostra-se como a ponta de um iceberg de natureza linguística pronto a uma investigação de campo mais ampla no âmbito tanto da própria linguística, quanto da performance ou da filosofia da linguagem.

REFERÊNCIAS

CHICOTERRA.COM. Disponível em <https://chicoterra.com/2017/05/17/chico-xavier-obra-completa-e-gratuita-412-livros--para-baixar/> Acesso em 30 maio 2019.

CAMPOS, Humberto de (Espírito). **Contos desta e doutra vida**. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

COSTA, Claudio Ferreira. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

G1.GLOBO.COM. Disponível em < http://g1.globo.com/jornal-da--globo/noticia/2016/01/acordo-ortografico-entra-em-vigor.html> Acesso em 19 maio 2019.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003.

GOVERNO DO BRASIL. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2014/12/acordo-ortografico-so-entrara--em-vigor-em-2016> Acesso em 19 maio 2019.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. Tradução de Matheus R. de Camargo.Capivari, SP: Editora EME, 2005.

_____.**O livro dos médiuns**. Tradução de Maria Aparecida Becker. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.

LEGOF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2017.

MAIOR, Marcel Souto. **As vidas de Chico Xavier**. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

PIRES, Herculano. **O espírito e o tempo**. São Paulo: Edicel, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso geral de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHECHNER, Richard. "O que é performance?". In: SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: a introduction. Second edition. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SILVA, José Pereira da. O que mudou para os brasileiros com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. In: MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa Magnus; BOCCHESE, Jocelyne da Cunha (Orgs). **Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**: questões para além da escrita. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

LUIZ, André (Espírito). **Nosso lar**.Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 2018.

_____. **Evolução em dois mundos**. Psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

XAVIER, Francisco Cândido. **Parnaso de além-túmulo** (Espíritos diversos).Brasília: FEB, 1994.

WIKTIONARY. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/eletr%C3%A3o> Acesso em 30 maio 2019.